



Volume 9, n.1, jan./jul. 2020
ISSN: 2317-0352

Experiências do Estágio Supervisionado em Ciências Sociais na Fronteira Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY

Experiences Of Supervised Internship In Social Sciences at the Border Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY

Maysa Lima de Souza

Graduada em Ciências Sociais pela UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Amambai/MS)

E-mail:

maysalima_sza@hotmail.com

Resumo

Este relatório de experiência tem como objetivo demonstrar as experiências no ambiente escolar fronteiriço, Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY. Vale ressaltar que as observações ocorreram em 2018, referente ao meu último ano de graduação. Diversas vezes a fronteira é vista e/ou assimilada ao estigma da pirataria e do tráfico de drogas, com isso, as visões de outras sociedades que não vivenciam o cotidiano de uma fronteira seca, de "cidades gêmeas", acabam visualizando a fronteira sob a égide do preconceito. É preciso ressaltar que, muito mais do que um espaço estigmatizado, a fronteira, a escola que abriga alunos do outro país oferecem trocas de conhecimento, compartilham diferentes experiências e dificuldades, mas que permitem maior aprendizado e desconstrução de preconceitos.

Palavras-chaves: Educação. Fronteira. Estágio Supervisionado. Relato de Experiência. Ciências Sociais.

Abstract

This experience report aims to demonstrate the experiences in the frontier school environment, Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY. This experience report aims to demonstrate the experiences in the frontier school environment, Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY. It is noteworthy that the observations occurred in 2018, referring to my last year of graduation. Several times the border is seen and/or assimilated to the stigma of piracy and drug trafficking, with this, the visions of other societies that do not experience the daily life of a dry border, of "twin cities", end up visualizing the border under the aegis of prejudice. It should be emphasized that, much more than a stigmatized space, the border, the school that houses students from the other country offer exchanges of knowledge, share different experiences and difficulties, but that allow greater learning and deconstruction of prejudices.

Keywords: Education. Border. Supervised internship. Experience Report. Social Sciences.

Introdução

O presente artigo trata da experiência de estágio realizada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) da cidade de Amambai/MS nos anos de 2017 e 2018. O estágio foi realizado na Escola Estadual Coronel Sapucaia localizada no município de mesmo nome. A cidade fica localizada em um contexto de “fronteira seca” entre o Brasil e o Paraguai. As metodologias empregadas para construir este relato foram a pesquisa bibliográfica e a escrita de caráter etnográfico, materializados em forma de relatório de estágio.

A pretensão do artigo é esboçar como são as experiências proporcionadas pelo estágio no contexto fronteiriço, esboçando o desafio que o professor (a) encara ao dar aulas para alunos que possuem como língua materna o guarani e o espanhol. Ademais as experiências proporcionadas pelo estágio no contexto fronteiriço possibilitaram a compreensão acerca dos desafios que o professor (a) enfrenta ao lecionar em uma escola fronteiriça. É dessa particularidade que nasceu este relato de experiência.

Para sistematizar a leitura, o relato fora dividido em dois tópicos: o primeiro trata da caracterização da escola Estadual Coronel Sapucaia, onde as observações foram realizadas, trazendo consigo uma discussão inicial acerca do conceito de fronteira e o segundo tópico visa descrever as experiências do estágio supervisionado. Vale salientar que, os nomes citados no segundo tópico são todos fictícios.

1 Relação Projeto Político Pedagógico e a(s) Sociedade(s) “Sapucaense-Badeña”

O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2017) tem como função documentar as iniciativas educacionais, sociais, políticas, administrativas e pedagógicas da escola para com os alunos, entretanto, tem-se um padrão e o mesmo é construído por meio das normas pré-estabelecidas pelas Secretarias de Educação Municipal e/ou Estadual; neste caso, pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Com isso, podemos dizer que:

[...] a tecnocracia implantada com o projeto político-pedagógico dos anos de 1970 (lei 5.692/71) e programas de implantação consequentes restringiu o planejamento curricular à sua instância formal, isto é, ao domínio de técnicas de organização, seguindo uma sequencialidade lógica que permite o controle de atividades objetivas, facilmente mensuráveis (SOUZA, 2009a, p. 43 *apud*. SANTIAGO, 2001, p. 67).

Ainda se utilizando desta perspectiva, podemos salientar que o tempo utilizado para as propostas contidas no PPP (2017) seguem uma linearidade que é distribuída em calendários rígidos e horários de 50 minutos por aula, logo, surge o seguinte questionamento: como fomentar a aprendizagem e a curiosidade dos educandos “correndo contra o tempo”? Podemos dizer que as escolas não possuem total autonomia diante da construção de seu PPP (2017), contudo, é de suma importância que os envolvidos no processo educacional tracem estratégias que se encaixem no espaço-tempo e que para além disso, respeitem o processo de desenvolvimento humano dos educandos.

Por meio dessa breve discussão acerca do que é um Projeto Político Pedagógico, farei a análise de trechos pertinentes do PPP (2017) da escola Estadual Coronel Sapucaia, esboçando sua missão, visão, valores e se o mesmo faz menção a disciplina de Sociologia.

A missão proposta pela escola tem como objetivo:

Analisar e melhorar a realidade local, a fim de resgatar o valor da família e a autoestima daqueles que a ela pertencem. Educar para o futuro, criando condições para que os alunos possam assumir com autonomia e responsabilidade o protagonismo de sua própria formação integral e humana, contribuindo para que haja uma mudança de atitudes em busca de uma melhor qualidade de vida e conseqüentemente, maior sucesso escolar com melhores índices de avanço (PPP/ ESCOLA ESTADUAL CORONEL SAPUCAIA/MS, 2017, p. 02).

A proposta é muito clara, todavia, existem alguns pontos que despertam nossa atenção e que servem como norteadores para analisar a missão da escola em uma sociedade fronteiriça que são: a proposta de melhoria da realidade local e educar para o futuro visando a autonomia.

A realidade dos municípios de Coronel Sapucaia e Capitan Bado são envoltas por violência; ambos municípios pequenos, mas que se destacam pela violência crescente. O Instituto Dialog organizou entre 2005 e 2015 um Mapa da Violência que denota um aumento de cerca de 143% na taxa de homicídios no Brasil em 10 anos.

Quando pegamos este mapa e voltamos os olhares para Coronel Sapucaia/MS, um município que não chega a possuir nem 20 mil habitantes, vemos uma cidade que está em 5º lugar no ranking, com maior aumento na taxa de homicídios. Ainda de

acordo com a análise do Instituto Dialog, os dois fatores que contribuem para esse aumento alarmante são o tráfico de drogas e a fronteira seca com a cidade de Capitan Bado/PY (TV MORENA, 2017).

É extremamente importante que a escola vise analisar e melhorar a realidade local, entretanto é necessário pensar em estratégias para mudar esta realidade tão violenta e alarmante existente na sociedade de Coronel Sapucaia/MS e até mesmo de Capitan Bado/PY já que são cidades “gêmeas” e que há alunos que moram do outro lado da fronteira estudando na escola.

Uma outra questão muito interessante é o fato de que a escola prioriza essa ideia de autonomia, principalmente pelo fato de termos esse modelo de educação – ainda que indiretamente – tecnicista que, visa os educandos como meros receptores de informações, isto é, “a educação escolar neste modelo compete a organização dos processos de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para que os indivíduos se integrem a máquina do sistema social global” (LUCKESI, 1994a, p. 61).

Salientando esta questão do ensino tecnicista, a mesma nos faz lembrar de Paulo Freire quando diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996b, p. 12). Ainda que se tenha esse ensino tecnicista encucado nas instituições de ensino, a escola em questão tenta fugir um pouco desta corrente ao priorizar questões como a autonomia dos educandos e, como podemos salientar, “não pode haver verdadeira educação, se não se consegue a autonomia do educando, ou melhor, se ele não se faz autônomo, isto é, alguém que se governa por si mesmo” (PARO, 2011, p. 198).

Além de mencionar a questão da autonomia na Missão, a escola se refere novamente a autonomia nos Valores apresentados no PPP “[...] ética, relacionamento humano, respeito à diversidade e às instituições, pluralismo de ideias, criticidade, criatividade, responsabilidade, aprendizagem contínua, conquista da autonomia e sabedoria” (PPP, 2017, p. 03).

Já no que diz respeito a Visão que a escola possui, a mesma é bem ambiciosa em alguns aspectos pois além de tencionar “ser reconhecida como escola que acolhe, educa e compartilha com as famílias a responsabilidade pela construção de projetos de vida” a mesma prioriza a ideia de ser “referência pela qualidade em educação,

reconhecida pelos resultados do processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento humano, cumprindo a responsabilidade social e respeitando as diferenças” (PPP, p. 02).

Ao ler o que a escola esboça como Visão, em particular, ao objetivar que quer ser reconhecida como “referência pela qualidade em educação”, surge a seguinte questão: “o que é uma educação de qualidade, principalmente no sistema econômico em que vivemos?”. O que temos atualmente no contexto educacional é um ensino totalmente voltado para a obtenção de resultados e à exemplo disso temos as metas estipuladas para os próximos anos no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que é um mecanismo de avaliação da educação que serve para medir a qualidade do aprendizado.

Em síntese, a educação de hoje sofre uma redução por conta das “exigências estritas do mercado de trabalho, tanto que no que se refere aos conhecimentos por ele requeridos quanto à imposição da disciplina necessária às formas de organização do trabalho e da vida contemporâneos” (BRUNO, 2011, p. 551). Interessante salientar que o PPP da escola Coronel Sapucaia não faz menções ao ensino da Sociologia. O único momento em que se encontra menção a Sociologia é no plano de recuperação de aprendizagem juntamente com as demais disciplinas de História, Geografia e Filosofia:

Em uma aula anterior a cada avaliação, será feita uma revisão geral dos conteúdos trabalhados anteriormente e a avaliação além de quantitativa será também qualitativa e contínua, buscando avaliar a participação e o empenho do aluno no desenvolvimento das atividades propostas e na sala de aula; visando desta maneira defender e valorizar as especificidades de cada educando, assim prevendo a inclusão deste, pois a realidade das salas de aulas é multifacetada. Esses registros serão feitos pelo professor na ficha de regras de avaliação de cada turma (PPP/ESCOLA ESTADUAL CORONEL SAPUCAIA, 2017, p. 14).

Além disso, o mesmo demonstra o perfil dos alunos – se atentando para o fato de receber alunos que vem do outro lado da fronteira – e de suas famílias, apresentando algumas problemáticas que permeiam tanto a vida escolar como a social do aluno que é sempre o mais afetado pelas adversidades existentes:

Muitos dos alunos são de famílias assalariadas, outras têm como renda única ou complementar programas sociais [...]. [...] A cidade [é] localizada em área

de fronteira, atendemos alunos residentes na cidade do país vizinho Capitan Bado (Paraguai). São alunos oriundos de famílias que trabalham no comércio local, serviços públicos, lavouras e domicílios. Há famílias que apresentam problemas estruturais, fator que compromete o acompanhamento da vida escolar dos filhos. [...] [há ainda os] alunos indígenas [que a escola atende em sua extensão]; sendo três salas de extensão (primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio) na Aldeia Taquapery. A maioria dos alunos do noturno trabalham em diversos setores da economia local [...]. Percebe-se uma falta de perspectiva de futuro muito grande por parte de muitos alunos [...]. A família se mantém distante e não participa ativamente do processo. O período apresenta problemas de evasão. Os alunos do Curso Técnico (em Agronegócio) apresentam um perfil diferenciado, pois são alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho e buscam qualificação comprovada, aqueles que ainda não trabalham, esperam ter maiores possibilidades de trabalho a partir da formação obtida no curso (PPP/ ESCOLA ESTADUAL CORONEL SAPUCAIA, 2017, p. 03).

Contrastando com a realidade local, é possível salientar que tanto Coronel Sapucaia/MS quanto Capitan Bado/PY não condicionam perspectivas de um futuro próspero para esses alunos – o que poderá ser entendido mais adiante no relato da regência realizada no 3º ano “A” – e, no contexto que se refere ao mercado de trabalho, as únicas gerações de renda são as lavouras, a lida com o gado de corte, a prefeitura, uma pequena indústria de fécula de mandioca e o comércio em geral.

Por outro lado, é necessário salientar que algumas fronteiras – e como é o caso de Coronel Sapucaia e Capitan Bado – “são espaços de integração constante e de diferentes movimentos e níveis de relacionamento” (ARAÚJO; CONCEIÇÃO; CARVALHO, 2016, p. 167). A exemplo de toda essa integração, temos as “cidades-gêmeas” do estado: Bela Vista e Bella Vista Norte (Paraguai); Coronel Sapucaia e Capitán Bado (Paraguai); Corumbá e Puerto Quijarro (Bolívia); Mundo Novo e Salto del Guairá (Paraguai); Paranhos e Ypejhu (Paraguai); Porto Murtinho e Capitán Carmelo Peralta (Paraguai); e Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Vale ressaltar que, o conceito de “cidades-gêmeas” foi estabelecido pela portaria Nº 213 de 19 de julho de 2016 do Ministério da Integração Nacional que as define:

[...] por municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2016).

Conceituar a fronteira é uma tarefa que exige um grande esforço. Um aspecto que deve ser pontuado ao abordar tal temática é que “a visão do senso comum sobre a fronteira é de que seja um local marcado pela violência, contrabando e tráfico” (ARAUJO; CONCEIÇÃO; CARVALHO, 2016, p. 168). E isso, nos leva diretamente ao estudo realizado por Ricardo José Batista Nogueira, intitulado “Fronteira: espaço de referência identitária?” (2007) em que ele aponta que a fronteira percebida será sempre acompanhada do ponto de vista da violência, do perigoso que é bem diferente da fronteira vivida.

A fronteira também é construída socialmente e materializada nas relações entre os povos que vivem o cotidiano do lugar (ARAUJO; CONCEIÇÃO; CARVALHO, 2016, p. 169), tanto que, na escola é possível ver que os alunos conversam entre si em guarani e espanhol – mesmo sendo proibido. Além disso, a fronteira também é compreendida como construções, pois são “locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversividade” (SILVA, 2006, p. 170).

Ao se atentar aos dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2018) podemos notar que, o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de R\$ 1.700,00 reais; o pessoal ocupado é de 1.176 pessoas, ou seja, 7,9% da população se encontra ocupada. E mais, 13.976 pessoas da cidade que correspondem aos 92, 1% da população de Coronel Sapucaia, se encontram em situação de desemprego, enquanto que o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo chega a apenas 46%.

Além disso, o PIB per capita do município chega a apenas R\$ 11.957,96 e comparado a outros municípios no país se encontra na 3280ª posição das 5570. No Estado encontra-se em 77º dos 79 municípios existentes; e na microrregião está ocupando o 14º lugar das 16 posições (IBGE, 2018).

Com base nos dados esboçados acima, juntamente como o estereótipo de cidade violenta não somente por fazer fronteira com o Paraguai, mas também por não possuir ofertas de emprego e melhores condições para se viver, podemos salientar que o município é precário em muitos aspectos e a crise que vem se alastrando a cada dia mais em nosso país inviabiliza ainda mais o sonho de muitos dos educandos saírem

do Ensino Médio e entrarem em uma universidade pública ou até mesmo de sair com um emprego em vista.

2 As Experiências do Estágio Docente: o ser professor e a interculturalidade presente

Os meus relatos começam no dia 14 de agosto de 2017 e terminam no dia 13 de junho de 2018 e tentam demonstrar não somente a minha percepção do contexto social e da interculturalidade presente dentro da fronteira que vai desde a presença de alunos paraguaios a alunos advindos da aldeia Taquaperi, situada a quase 15km da cidade de Coronel Sapucaia em meio a BR MS-289.

Dia 14 de agosto de 2017, uma segunda-feira como qualquer outra, exceto pela minha ansiedade para começar a observação, depois de cerca de dois anos sem ter nenhum tipo de contato com a escola e muito menos com o ensino médio. Eu cheguei na escola quando ainda era hora do intervalo, pois a aula que eu iria assistir era a 4ª (quarta) aula e só começaria as 9h50 da manhã; me sentei no pátio da escola e pude observar que os alunos começaram a olhar com certa curiosidade para mim, talvez quisessem saber o que eu estava fazendo ali.

O sinal bateu pontualmente as 9h50 da manhã e acompanhei o professor até a sala do 1º (primeiro) ano 'A' que possui cerca de 29 (vinte e nove) alunos dos quais 12 (doze) são meninos e 17 (dezessete) são meninas e nenhum discente indígena na sala; ele esperou os alunos ficarem em silêncio, deu bom dia para a turma, e nos apresentou para a classe, da qual recebemos todos os tipos de olhares; em seguida ele deu continuidade à aula.

O tema da aula era Auguste Comte e enquanto ele passava o conteúdo no quadro branco, os alunos conversavam, tanto que teve um momento em que ele (o professor) teve que pedir para que eles ficassem em silêncio, pois a conversa estava atrapalhando. Pude notar que existem muitos grupos e duplas dentro da sala de aula do 1º (primeiro) ano 'A' e ambos são muito diversificados, entretanto, é uma turma muito pouco participativa, talvez até por estar sendo o primeiro contado deles com a Sociologia.

O professor começou a explicar o conteúdo e então ele perguntou: “alguém aqui sabe o que é Utopia?”. Os alunos se entreolharam e alguns até arriscaram uns chutes,

mas ninguém acertou, então o professor percebendo que ninguém iria conseguir responder, disse: “gente, utopia é um ideal que não pode ser praticado. Vocês estão precisando ler mais”. Com isso, uma aluna diz: “esses ideais são como os trabalhos que você passa?”.

Todos começaram a rir e então o professor respondeu que a culpa não era dele, que isso já vem desde a “educação básica”, isto é, a educação básica não incentiva a leitura da forma correta, nem sequer impulsiona os educandos a gostarem da leitura. Pude notar nesta aula que a turma não estava muito à vontade com o fato de ter duas estagiárias durante suas aulas, tanto que a todo momento se escutava algo a respeito ou então olhares de profundo descontentamento por estarmos “invadindo” seu espaço de aprendizagem, como se nós estivéssemos na sala de aula para “cuidar” o que eles fazem.

Pouco antes das 10h40, o professor pediu para que os alunos lhe mostrassem as letras que estavam fazendo e deu-lhes cerca de 05 (cinco) minutos para que pudessem ensaiar as músicas que falavam sobre etnia, igualdade e classe social entre outras temáticas.

No dia 28 de agosto, o professor chegou na sala, deu bom dia e perguntou aos alunos se eles estavam prontos para as apresentações, eles disseram que queriam mais tempo para ensaiar e o professor disse que seria impossível, pois eles já tinham tido 04 (quatro) aulas para isso. Após este pedido que foi recusado, o primeiro grupo abriu as apresentações falando sobre discriminação, diferença, corrupção, classe social e preconceito, se utilizando do discurso “somos todos iguais”; o segundo grupo falou sobre discriminação; o terceiro grupo falou sobre drogas, violência doméstica e políticos corruptos, além deste, quando o quarto grupo se dirigiu à frente para se apresentar, o sinal tocou e não deu tempo de ver a apresentação deles. Eu fiquei muito impressionada com a dedicação dos alunos e com a versatilidade de temas. As temáticas abordadas por eles nas letras são muito importantes, ainda mais na atualidade e com essas concepções que se tem a respeito dos adolescentes que são taxados de “cativos”.

A segunda aula observada também ocorreu no dia 14 de agosto de 2017 e teve início as 10h40 da manhã no 3º (terceiro) ano ‘A’, que possui cerca de 24 (vinte e quatro) alunos dos quais 10 (dez) são meninos e 14 (quatorze) são meninas, onde

também não possui discentes indígenas. Fomos muito bem recebidas pelos alunos que estavam se preparando para apresentar trabalhos com as temáticas de: Consumismo, no qual o primeiro grupo elaborou um vídeo com uma paródia do Jornal Nacional em que eles explicam o que é e como funciona o consumismo em nossa sociedade; o segundo grupo elaborou charges a respeito da mídia; o terceiro grupo abordou a Nomofobia, onde eles produziram um vídeo retratando o “vício” pelo uso do celular; o quarto grupo abordou a temática das cirurgias plásticas e mostrou o antes e depois de alguns artistas que passaram por tais procedimentos enquanto que, o quinto grupo não quis apresentar.

As apresentações terminaram e o professor começou a explicar a relação disso tudo com a Indústria Cultural e foi fazendo considerações acerca da Teoria Crítica, até que lançou a seguinte questão para a turma: “será que se pensássemos diferente, a sociedade estaria dessa forma?”, todos ficaram em silêncio, olharam-se uns aos outros e o professor continuou explicando e disse que a mídia é uma das impulsionadoras da dominação, isto é, um dos mecanismos de dominação da massa; a aula se encerrou nesta discussão e o sinal tocou as 11h30 da manhã.

Contudo, vale ressaltar que, o 3º ano é uma das salas que mais se desempenha nas aulas de Sociologia, ainda que seja de modo um tanto desorganizado; é interessante ver que a disciplina desperta o interesse de alguns discentes.

Na aula do dia 28 de agosto, o professor esperou os alunos se acalmarem e disse que era para prestar atenção no conteúdo pois ele havia marcado avaliação para o dia 04 de setembro com os temas “deformação, informação e formação”. Após o comunicado, ele tentou dar continuidade à discussão sobre a Indústria Cultural, entretanto, os alunos estavam inquietos demais. Tinha grupos espalhados pelos quatro cantos da sala e a mesma se encontrava em um estado deplorável, estava muito suja como se um furacão tivesse passado por ali.

Eis que surge uma reclamação da “turma do fundão”, tinha um aluno soltando “pum”, logo, o alvoroço se estendeu por alguns minutos, todos começaram a reclamar e a falar ao mesmo tempo do cheiro; com isso, o professor se irritou e disse que o aluno era porco e que se quisesse ir ao banheiro era só pedir, não tinha necessidade de fazer isso dentro da sala. Ele até tentou dar continuidade à aula, porém perdeu muito tempo com toda a bagunça que estava e o sinal tocou para sair.

A terceira aula observada aconteceu no 2º (segundo) ano na quarta-feira, dia 16 de agosto de 2017 durante os horários das 10h40 às 11h30 da manhã, isto é, a 5ª (quinta) aula. A turma é composta de 38 (trinta e oito) alunos, dentre eles 14 (quatorze) meninos, onde 02 (dois) são indígenas e 24 (vinte e quatro) são meninas. Na sala havia muitos grupos – mais especificamente 05 (cinco) grupos – e muita conversa, o que é normal para uma quinta aula, pois todos estão “cansados” e com vontade de ir embora.

Nesse dia não houve aula expositiva, pois era uma apresentação de trabalhos, cuja temática abordava os Movimentos Sociais e na aula anterior o professor havia solicitado que os alunos pesquisassem músicas da época do Golpe de 64 para apresentarem para a turma. Os grupos foram divididos em 5 (cinco): o primeiro era composto somente por meninos, e eles interpretaram a música “Brasil”, do cantor Cazuza; o segundo era formado por 06 (seis) meninas e 02 (dois) meninos que cantaram a música “Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores” do cantor Geraldo Vandré; a dupla composta por 01 (um) menino e 01 (uma) menina interpretaram a música “As Coisas Não Caem do Céu” do cantor Leoni; o quarto grupo cantou “Que País é Esse?” do cantor Renato Russo e era composto apenas por meninas; o último grupo interpretou a música “Vem Pra Rua” interpretada pelo O Rappa.

As apresentações foram encerradas e o professor contou aos alunos que ele iria marcar uma data juntamente com a direção da escola para que eles apresentassem suas músicas para a escola toda; ambos ficaram alvoroçados e com um certo receio também e o professor disse a eles para ensaiarem um pouco mais, quando o professor terminou de falar, o sinal tocou e ambos saíram empurrando uns aos outros com pressa para irem embora.

No dia 23 de agosto, a aula estava ainda mais bagunçada e o tema abordado foram “Os Aspectos Ideológicos e Políticos dos Movimentos Sociais”; quando o professor terminou de dizer o tema da aula, esperou todos ficarem em silêncio e anunciou: dia 30 de agosto, marquem no caderno avaliação. E novamente o alvoroço todo se repetiu.

Ele pediu silêncio e começou a explicar o conteúdo fazendo toda uma abordagem histórica dos movimentos sociais, e disse que no próximo mês faria discussões sobre as ‘ideologias de gênero’, com isso, um aluno perguntou o que seria

a ideologia de gênero e um outro perguntou se tinha algo a ver com o filme *As Sufragistas*, o professor explicou que de certa forma sim e disse que “gênero é uma construção social”.

Neste meio tempo, havia um grupo que estava falando muito e fazendo bagunça, então o professor chamou a atenção dos meninos que estavam fazendo bagunça e falou para o jovem: “você já sentiu o gosto da reprovação!” então ele retrucou em tom de deboche “sim, é doce como o mel!” e toda a sala riu. Isso me deixou extremamente desconcertada, não sei dizer se foi falta de respeito com o professor, mas acredito que a postura tomada por ele em ignorar o que o menino disse e continuar a explicação do conteúdo foi a mais sábia.

Pouco tempo depois, a aula estava quase acabando e o professor tornou a chamar a atenção do mesmo grupo, em virtude disso, se excedeu e mandou o aluno “M” para fora e disse que o próximo que bagunçasse iria ser retirado da sala para fazer companhia ao colega, e disse que descontaria 02 (dois) pontos de cada um do grupo que estava conversando no dia da prova. A quarta aula observada aconteceu no dia 17 de agosto de 2017, quinta-feira no 1º (primeiro) ano B que possui pouco mais de 25 (vinte e cinco) alunos dos quais 13 (treze) são meninos – dos quais, 01 (um) é indígena – e 12 (doze) meninas – das quais, 02 (duas) são indígenas – e o tema da aula foi Auguste Comte.

A sala estava organizada e todos continuaram sentados em fileira, com conversas baixas e bem isoladas; só começaram a se alvoroçar quando estava perto do sinal tocar. Há alguns alunos bem participativos na sala, mas como era a primeira aula, todos estavam muito quietos, acredito eu que, com sono tanto que pouco falaram durante a aula.

Na aula do dia 24 de agosto, os alunos estavam bem alvoroçados no início da aula e o professor estava bem quieto, uma outra questão que pude notar é que os alunos indígenas são mais retraídos, não se enturmam tanto com os demais. Eles tiveram que fazer paródias que abordassem a realidade social da sociedade. O primeiro grupo apresentou uma paródia da música “157” do grupo de Rap Racionais MC’s, no qual abordaram a corrupção e fizeram crítica a burguesia; o segundo grupo apresentou uma paródia da música “Deixe-me Ir” do grupo 1Kilo, cujo deram o nome de “Vou Ser Feliz” em que abordam temas como raça e etnia, além de falarem sobre

morte e suicídio, o terceiro grupo utilizou um beat de improviso para poder fazer a rima que abordou a violência.

Ao final das apresentações, o professor disse a eles que constantemente somos avaliados e perguntou aos alunos como eles sentiram ao escrever sobre essas temáticas e se gostaram da experiência, o que eu particularmente, achei bacana da parte do professor questionar o modo como eles se sentiram porque é um jeito deles dizerem o que entenderam enquanto elaboravam as letras.

Antes de começar a tecer as considerações, gostaria de salientar que eu fui para a escola Coronel Sapucaia com um olhar totalmente diferente, pois eu não estudei lá durante o meu período escolar – e como é possível notar na maioria dos estágios, os acadêmicos optam por estagiar nas escolas em que eles estudaram.

As aulas do professor foram maravilhosas, pois o mesmo domina muito bem o conteúdo e mostra o verdadeiro papel da Sociologia no ensino médio que é o de mostrar aos alunos como funciona a sociedade, suas problemáticas e o modo como a mídia nos influencia/domina. Além disso, o método adotado pelo professor prende a atenção dos alunos no conteúdo, quando eu fiz o estágio, eles estavam na fase de acréscimos finais ao trabalho para a apresentação; acredito que a utilização da música para abordar temas como liberdade de expressão, preconceito, racismo e desigualdades sociais faz com que os alunos compreendam melhor o que são todos estes conceitos e de que forma acontecem e estão inseridos na nossa sociedade como mostra a conclusão do estudo abaixo:

A prática musical estimula a percepção, a memória e a inteligência que fazem com que o indivíduo desenvolva a capacidade de assimilação de conteúdos por meio da sensibilidade. O lado afetivo-emocional, quando tocado, contribui para a construção do conhecimento à base da motivação, principalmente quando o educando consegue relacionar letras e sons, trabalhados junto à música com a realidade cognitiva construída em sala (FÉLIX; SANTANA; JÚNIOR, 2014, p. 21).

Com base nisto, acredito que este seja um excelente recurso para trabalhar Sociologia no ensino médio, uma vez que, os alunos em questão transparecem não gostar de leitura, nem mesmo aquela rotina conteudista que aliás, nenhum educando gosta. Então o professor tem que se desdobrar para encontrar um modo de “entreter”

seus alunos e neste caso, não é de uma maneira supérflua e muito menos simples, porque deve se ter toda uma atenção ao tipo de música que se pretende trabalhar.

Entretanto, a escolha da música como método didático melhora ainda mais as relações professor-aluno e aluno-aluno, dado que, tudo foi organizado em grupos e deu para observar que eles não possuem nenhum estranhamento ou tipo de preconceito com relação aos discentes indígenas, pelo contrário, acabavam por instigar os mesmos a se “soltarem” mais diante da turma e nas apresentações de trabalhos.

Durante o Estágio na escola, como já era o 3º (terceiro) bimestre, não tinha nenhuma palestra programada, nem apresentações dos próprios alunos; os discentes são bem tranquilos e não houve nenhuma situação conflitante no período em que eu estive lá, mas pude notar alguns comportamentos na hora do intervalo. Eu também procurei trazer para esta discussão as manifestações contidas nas portas dos banheiros femininos, também gostaria de ter conseguido fotos do banheiro masculino, no entanto, não deu para entrar, pois os banheiros dos meninos estavam sempre cheios.

Na hora do intervalo, os alunos têm a liberdade de pegar uma caixa de som na secretaria da escola para que possam escutar música dos mais variados gêneros. Eles se juntam em volta da caixa, sempre os mesmos alunos, geralmente 03 (três) ou 04 (quatro) alunos, que ficam juntos até o fim do intervalo. Contudo, há alguns jovens que são muito reclusos que preferem ficar sozinhos, geralmente com o aparelho celular e fones de ouvido, além destes, os poucos estudantes indígenas que tem na escola também ficam mais reclusos e quando saem no intervalo estão sempre juntos.

As salas do ensino médio da escola Coronel são sempre muito abarrotadas de alunos. Teve dias que tivemos que sentar em cima da mesa porque não havia mais cadeiras e nem espaços para nos sentarmos. O mais interessante desta experiência com o aperto foi poder ver que existe um respeito mútuo entre professor-alunos e aluno-aluno, porque deu para contar nos dedos as vezes que o professor teve que interromper sua explicação para pedir que os alunos falassem mais baixo.

Os dois primeiros anos (A e B) são as turmas mais cheias, contudo, são extremamente diferentes, a começar pela idade, pois no 1º ano “A” estão os mais velhos e são os mais bagunceiros. O 2º e 3º ano “A” são extremamente participativas;

eles também foram mais receptivos e amistosos, o que facilitou muito na hora de realizar as regências nessas turmas.

A regência no 3º ano foi realizada no dia 07 de junho de 2018, às 9h30 às 10h40min de uma quarta-feira. Esta foi a minha primeira regência. Eu estava muito ansiosa e nervosa principalmente por acreditar que não dominava o tema da aula e também por ser o 3º ano. Eram alunos que já tinham certo conhecimento dos conceitos da Sociologia e que poderiam muito bem me encher de perguntas que eu não saberia responder (rsrs), mas isto foi um *“ledo engano”*.

Chegamos na porta da sala e esperamos todos os alunos entrarem e se sentarem. Entramos atrás deles e o professor pediu que prestassem a atenção que hoje a aula seria realizada por mim. Me dirigi a frente da turma enquanto o professor se ajeitava no fundo da sala e me apresentei. Apontei o tema da aula no quadro e perguntei a eles o que sabiam sobre o trabalho, qual a definição.

De primeira todos ficaram em silêncio e poucos foram se arriscando a “chutar” alguma resposta, até que o professor disse lá do fundo disse rindo: “eu já expliquei isso a vocês, vocês deveriam se lembrar”. Assim eles começaram a falar todos de uma vez e eu tive que pedir para que falassem um por vez e devagar. Eu estava tremendo de medo, mas a aula seguiu muito alegre e espontânea.

O professor Xavier participou bastante porque a ideia para a aula que eu planejei era que se resumisse em um grande debate para que eu pudesse ouvir os alunos o máximo possível e depois problematizar a fala deles. Quando chegamos ao ponto da precarização do trabalho eu pensei em nosso contexto de fronteira e de cidade interiorana com pouco mais de 15 mil habitantes.

Foi muito importante tocar neste ponto na aula porque eu pude notar que as expectativas deles em relação as que eu e meus colegas tínhamos lá em 2014 (o ano em que eu cursei o 3º ano) não mudaram muito; mudam-se os atores, mas não as expectativas. Perguntei a cada um deles o que esperavam para o ano de 2019. O que pretendiam fazer da vida. De início, quando fiz as perguntas, ninguém quis se manifestar, então o professor disse lá do fundo: “pode escolher alguém para falar!”.

Eu particularmente não gosto desta técnica porque eu fui muito traumatizada na minha época de ensino médio por conta disso, mas funcionou muito bem porque eu escolhi uma aluna para falar e logo em seguida os outros tomaram iniciativa de

falar. Ouvir o que eles esperavam do futuro após saírem do ensino médio foi importante para que pudéssemos pensar acerca das oportunidades que existem tanto em Coronel Sapucaia/MS, quanto em Capitan Bado/PY. As oportunidades são poucas e é muito difícil manter um pensamento otimista, entretanto, foi a regência que eu mais gostei de ministrar.

A aula foi realizada no dia 07 de junho de 2018, às 10h40min de uma quarta-feira. Como era a última aula, os alunos estavam bem cansados e ansiosos pelo fim da aula. Nós entramos na sala e o professor Xavier avisou a turma que quem iria dar a aula seria eu e pedi aos alunos para os alunos ficarem tranquilos e prestar atenção pois, iria pedir um trabalho referente a aula posteriormente.

Ele se dirigiu para o fundo da sala para assistir a aula juntamente com a minha outra colega de estágio e que também estava cursando Ciências Sociais, Júlia. Eu me apresentei a eles, perguntei se estavam bem e escrevi no quadro o tema da aula. Perguntei a eles se conheciam as técnicas de pesquisa e para o que elas serviam. Perguntei aos alunos o que eles entendiam ou que sabiam na tentativa quase frustrada de “quebrar o gelo” com eles e para que começassem a se interessar pelo tema e em participar da aula mais ativamente.

De fato a minha tentativa em “quebrar o gelo” como eles não funcionou muito bem, então continuei a explanação do tema e a cada metodologia que eu apontava no quadro perguntava a eles se sabiam o que era. Houve pouca participação por parte dos alunos na aula, mas foi uma ótima experiência da qual eu pude entender que há temáticas que nos ajudam e outras que acabam nos sabotando porque traçar uma metodologia para ensinar Técnicas de Pesquisa de uma maneira que não seja entediante é extremamente difícil.

No 2º ano a aula foi ministrada no dia 13 de junho de 2018, às 07h50min de uma quarta-feira. Neste dia, além do professor Xavier e da Júlia, também estava na sala de aula a professora Lucia. O professor Xavier disse a turma que a aula seria realizada por mim e deu as boas-vindas a professora Lucia, pedindo que ficasse a vontade. Eu comecei me apresentando e explicando que o tema da aula iria tratar da industrialização e dos impactos que esta vem causando no âmbito social e ambiental das comunidades “minoritárias” como os indígenas e quilombolas.

Decidi juntamente com o professor Xavier e com a professora Lucia enfatizar a problemática dos povos indígenas e por isso o subtítulo do plano de aula é “Os Povos Indígenas em Risco”. Essa reflexão é importante ser feita em sala de aula para que conscientize os alunos, tanto que enquanto eu apontava as comunidades indígenas existentes no país e principalmente no MS eles ficaram surpresos em saber a quantidade de etnias.

A turma do 2º ano é bem participativa e muito curiosa. Eles fizeram algumas perguntas sobre os povos indígenas, principalmente a respeito da língua pois, havia alunos que moram em Capitan Bado/PY e que falam guarani – a segunda língua oficial do Paraguai – e ficaram curiosos para saber se o guarani falado pelos indígenas era o mesmo falado por eles.

Considerações Finais

A Fronteira, para quem está de fora, infelizmente ainda é vista sob o estereótipo da violência, onde o tráfico de drogas e a pirataria são sempre noticiados pelos canais midiáticos. Os moradores das fronteiras serão vistos com esse olhar preconceituoso porque pouco se fala da vivência dentro dela. Entretanto, é necessário salientar que, em todo lugar do mundo existem as drogas, pessoas ruins, violência, pirataria etc.

A Fronteira, mesmo repleta de problemáticas, também é um lugar acolhedor e incrível; um espaço de trocas e intercâmbio cultural, onde costumes brasileiros/sul-matogrossenses se misturam aos costumes paraguaios e esse intercâmbio/troca é perceptível dentro do contexto escolar. Além disso, ao entrar no espaço escolar e passar a conviver com os alunos, acabamos nos identificando com cada jovem que está nas salas estreitas e abarrotadas do Ensino Médio.

Acabamos nos lembrando do tempo em que estávamos sentados naquelas cadeiras em fila reta, aguardando ansiosamente pelo sinal do intervalo, para trocar aquela aula maçante ou aquele mais esperado ainda, o sinal da saída. Sentimos nostalgia quando retornamos à escola, sentimos medo de errar na hora de realizar a tão temida “regência”, sentimos ansiedade porque queremos fazer tudo e chorar em posição fetal depois que tudo aquilo passar. Mas acredito que, o maior sentimento que

eu senti – e que era algo que eu não esperava – quando voltamos para as salas de aula para observar e posteriormente fazer as regências foi, o amor e a gratidão.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ana Paula Correia; CONCEIÇÃO, Orsolina Fernandes da; CARVALHO, Luciani Coimbra de. A Escola no Brasil Para Brasileiros e Bolivianos. In. URQUIZA, Antonio Hilario Aguilera (org.). *Fronteira Dos Direitos Humanos: direitos humanos nas fronteiras*. Campo Grande: Editora UFMS, 2016. pp. 167-184.

BRASIL. Portaria nº 213, de 19 de Julho de 2016. Seção 1, nº 138, p. 12, 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=12&data=20/07/2016>> (Último acesso em: 08/01/2019).

BRUNO, Lúcia. Educação e Desenvolvimento Econômico no Brasil. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 48, p. 545-806, set./dez., 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987a. 107p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996b. 57p.

IBGE. Panorama de cidades: salário médio e trabalho. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/coronel-sapucaia/panorama>> (Último acesso em: 08/01/2019).

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Tendências Pedagógicas na Prática Escolar*. In. *Filosofia Educação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 53-75.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária? *Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, pp. 27-41, dez., 2007.

PARAGUAY. “23 de Junio: ¡Sanjuanazo en el Deportivo!”. In. Paraguay Mi País, Comunidad, 2018. Disponível em: <<http://www.paraguaymipais.com.ar/comunidad-paraguaya/23-de-junio-sanjuanazo-en-el-deportivo/>> (Último acesso em: 23/01/2019).

PARO, Vitor Henrique. Autonomia do Educando na Escola Fundamental: um tema negligenciado. Editora UFPR: *Educar em Revista*, n. 41, p. 197-213, jul./set., 2011.

PPP. *Projeto Político Pedagógico*. Escola Estadual Coronel Sapucaia. 2017. 38p.

ROSA, Sabrina Hax Duro; BOHN, Hilário I. Os Banheiros da Escola Como Espaço de Significação: as marcas do gênero e a influência da mídia na (trans)formação identitária dos estudantes do ensino médio. In. *ICCAL – International Congress of Critical Applied Linguistics*, p. 698-715, Brasília, 2015.

SILVA, Luis Sérgio da. *O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy*. Goiás: UFG, 2005. Disponível em: < <https://vdocuments.site/conceito-de-fronteira-deleuze.html>> (Último acesso em: 23/04/2020).

SOUZA, Flavia Daniele de. *Análise do Projeto Político Pedagógico: o movimento em direção a educação inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2009a. p. 44-53.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. *In. Programa de Desenvolvimento Educacional*, p. 3-25, Paraná, 2009b.

TV MORENA. “Mapa da violência mostra que taxa de homicídios em município de MS cresceu 143% em 10 anos”. *G1 O Portal de Notícias da Globo*, Notícias, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/mapa-da-violencia-mostra-que-taxa-de-homicidios-em-municipio-de-ms-cresceu-143-em-10-anos.ghtml>. Acesso em: jan. 2019.

Recebido em: 02 de fev. 2020.

Aprovado em: 20 de abr. 2020

Forma de citar este texto (ABNT):

SOUZA, Maysa Lima de. Experiências do Estágio Supervisionado em Ciências Sociais na Fronteira Coronel Sapucaia/MS-Capitan Bado/PY. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v.9, n. 1, p. 64-82, jan./jul. 2020.